

# MODELO HIERÁRQUICO DE VULNERABILIDADE NO ESPORTE

Flávio Rebastini

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, São Paulo, Brasil

Afonso Antonio Machado

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, São Paulo, Brasil

## Resumo

A vulnerabilidade no esporte tem sido pouco estudada. Assim, o objetivo foi desenvolver um modelo hierárquico de vulnerabilidade para o esporte. Foram realizadas entrevistas *In-depth* com 21 participantes do esporte de alto rendimento (13 mulheres). Foi aplicada a análise de conteúdo com a categorização e hierarquização. A categorização gerou 1 metaclass (Formação Educacional); os resultados foram organizados em 5 classes: Instituição e Políticas, Comunicação e Marketing, Desenvolvimento Esportivo, Aspectos Psicossociais e Desempenho Esportivo, que totalizaram 25 categorias; uma categoria foi denominada de transcategoria (Assédio). Os participantes identificaram diversos fatores associados à vulnerabilidade, resultando um modelo hierárquico de vulnerabilidade para o esporte.

**Palavras-chave:** Vulnerabilidade. Esporte. Psicologia do Esporte.

## Introdução

A literatura sobre a vulnerabilidade está, eminentemente, focada nas questões geográfica/ambiental (FORD et al., 2015), bioéticas (RENAUD, 2009), geopolíticas (EZELL, 2007; SAREWITZ et al., 2003), de saúde (DUNKLEY et al., 2011) e de grupos especiais ou de risco (BELLENZANI; MALFITANO, 2006); inclusive no desenvolvimento de índices para sua mensuração (DUNCAN et al., 2009; SCHMIDTLEIN et al., 2008; CARVO; DERCON, 2005).

Dentre as definições de vulnerabilidade encontramos Proag (2014) que descreve a vulnerabilidade como um grau a que um sistema, subsistema ou um componente do sistema é susceptível a experimentar dano devido à exposição a um perigo. Esse perigo apontado pelo autor atenta sobre as múltiplas camadas do contexto e pode ser originária de um risco único ou de múltiplos (CZERESNIA, 2004). Em síntese, a vulnerabilidade é formada por um sistema tripartite, composto pela exposição, risco e dano (REBUSTINI, 2012). Assim, o conceito de vulnerabilidade implica a mensuração dos riscos associados aos aspectos físicos, psicossociais e econômicos e as implicações sobre como o sistema pode resistir aos eventos (PROAG, 2014).

Mas como a vulnerabilidade aparece e interfere no ambiente esportivo?

Apesar de raramente as ciências aplicadas ao esporte utilizarem o termo vulnerabilidade, a análise atenta poderá encontrar diversos contextos e fatores que podem expor de forma

sistemática e recorrente; intensa ou moderada; aguda ou crônica os personagens do cenário esportivo à vulnerabilidade. Pode-se tomar como referência os efeitos do excesso de treinamento, abandono esportivo, lesões e redução da imunidade (CAINE et al., 2014; KREHER; SCHWARTZ, 2012; THIEL et al., 2011), do doping (HAUW; BILARD, 2011), da transição de carreira (MCKNIGHT et al., 2009), da mídia (REED, 2011); das novas mídias e redes sociais (MOIOLI, 2013; REBUSTINI, 2012), da torcida (MACHADO, 2011), do assédio seja moral e/ou sexual (MOIOLI, 2013; FASTING et al., 2011; MARTILL, 2009), racismo (LEONARD; KING, 2011), corrupção (MASTERS, 2015; CHADWICK, 2014), gênero (HARGREAVES; ANDERSON, 2014; AITCHISON, 2007), o corpo e imagem corporal (ZANETTI, 2013), as políticas esportivas (MEZZADRI et al., 2015), as questões morais e éticas (MOIOLI, 2013), o abuso emocional (STIRLING; KERR, 2014), dentre outras temáticas. Estas não são zonas de vulnerabilidade causadas pelo esporte? Temas como a vergonha e o medo (ELISON; PARTRIDGE, 2012; LAVOURA, 2007) são tocados levemente na ciência esportiva e raramente são abordados na prática esportiva.

Para Schnell e colaboradores (2014) se considerarmos que o comportamento de risco é, pelo menos parcialmente necessário para melhorar ou maximizar o desempenho esportivo, uma vontade moderada a assumir riscos precisa ser aceita, a fim de fazer parte do sistema desportivo de elite. Essa condição ou exigência de assumir riscos, com treinamentos mais complexos, intensidades mais altas, regimes de prática diferenciada em condições extremas, alimentação, novas tecnologias – como treinamento em realidade virtual. A proliferação contemporânea de esportes de aventura e, mesmo, esportes tradicionais que ganharam variações em que se alocam os atletas em situações climáticas, geográficas, de dificuldade e duração extremas não expõe os participantes à vulnerabilidade?

Estes apontamentos nos levam a considerar que o esporte em várias circunstâncias pode, sim, ser um potencializador da vulnerabilidade, e não como por vezes propalado um intermediador das questões sociais e um mitigador da vulnerabilidade; não podemos eliminar essa função, doravante também não podemos ignorar a leitura de que o esporte de competição induz, seduz, insere, conduz e, por diversas vezes, leva a aniquilação do indivíduo, propagando o sucesso e a “salvação” (REBUSTINI, 2012).

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa foi desenvolver um modelo hierárquico de vulnerabilidade no esporte.

## Procedimento Metodológico

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio da abordagem qualitativa exploratória com aplicação da entrevista em profundidade – *in depth* (LUCAS, 2014; BRINKMAN, 2013). O roteiro da entrevista foi construído a partir da análise dos fatores que poderiam desencadear a vulnerabilidade no esporte. Todas as entrevistas foram realizadas por vídeo conferência pelo sistema Skype® e gravadas por meio do software Ocam® para posterior transcrição e análise. O desenvolvimento das entrevistas *online* seguiu a normatização e orientação expostas por Salmons (2012, 2010) e Hesse-Biber e Leavy, (2010).

As entrevistas foram exploradas aplicando-se a análise de conteúdo conforme fundamentação feita por Scheirer (2012) e Bardin (2010), seguida da categorização e hierarquização. As interpretações e análises foram baseadas na proposta de Fortin e Houssa (2012) de uma etnografia pós-moderna ou etnografia interpretativa e como forma de apresentação, segue-se a orientação de Elo e Kyngäs (2007) quanto à exposição de uma matriz de categorização, de fluxo hierárquico e relacional na análise de conteúdo, a qual eles denominam: processo de abstração. As categorias foram estruturadas a partir dos resultados, sem a utilização de uma definição prévia das categorias. Para orientar a construção da hierarquia adotou-se o Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 1996) tomando-se

como referência as quatro grandes dimensões conceituais (pessoa, processo, contexto e tempo) e as camadas do contexto (microsistemas, mesossistemas, exossistemas e macrosistema)

## Participantes

Os participantes do estudo foram profissionais (atletas, técnicos, gestores, psicólogos do esporte e jornalistas) que atuassem no esporte de alto rendimento. A descrição dos participantes não será feita utilizando a associação das características individuais e, sim, apenas a descrição das características de forma geral. A associação das características em alguns casos poderia permitir a identificação dos entrevistados, um exemplo, seria a associação entre modalidade e títulos ou nível das competições. Os profissionais foram identificados e localizados nas comunidades esportivas do Facebook®, após o envio da carta convite feita pelo InBox do próprio Facebook®. Para os convidados que concordaram com a participação foi enviado por e-mail o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para a anuência formal. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Biociências da UNESP – Rio Claro sob protocolo 1.071.209

Para o dimensionamento dos participantes foi aplicado o conceito da saturação teórica (FONTANELLA et al., 2011). Foram emitidos convites para 73 profissionais, sendo que 21 profissionais concordaram em conceder a entrevista, sendo: 7 atletas (A), 4 técnicos (T), 3 gestores (G), 3 psicólogos do esporte (P) e 4 jornalistas esportivos (J). Destes, 13 eram mulheres e 8 homens. Envolvidos nas seguintes modalidades: Atletismo, Voleibol, Jiu-jitsu, Handebol, BMX Bicicross, Ginástica Artística, Futebol, Levantamento de Peso e Diversos. Diversos diz respeito essencialmente aos jornalistas e psicólogos do esporte que atuam e cobrem geralmente mais de uma modalidade. Nenhum dos jornalistas ou dos psicólogos foi atleta ou teve experiência profissional no esporte de rendimento antes de ocupar suas profissões. Todos os jornalistas têm experiência com grandes eventos esportivos nacionais e internacionais. Quanto aos gestores eles foram atletas e técnicos antes de ocuparem os cargos de gestão, todos pós-graduados em áreas esportivas.

Quanto à experiência em competições: 6 têm experiência em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, 7 têm experiência em Campeonatos Mundiais e Etapas de Mundiais, 2 têm experiência em Campeonatos Sul-Americanos e 6 em Campeonatos Nacionais.

A duração das entrevistas variou de 64m20 até 201m10s. O que gerou um extenso material. Os depoimentos apresentados nos resultados foram os que sintetizavam a definição das categorias e, conseqüentemente, dos demais entrevistados.

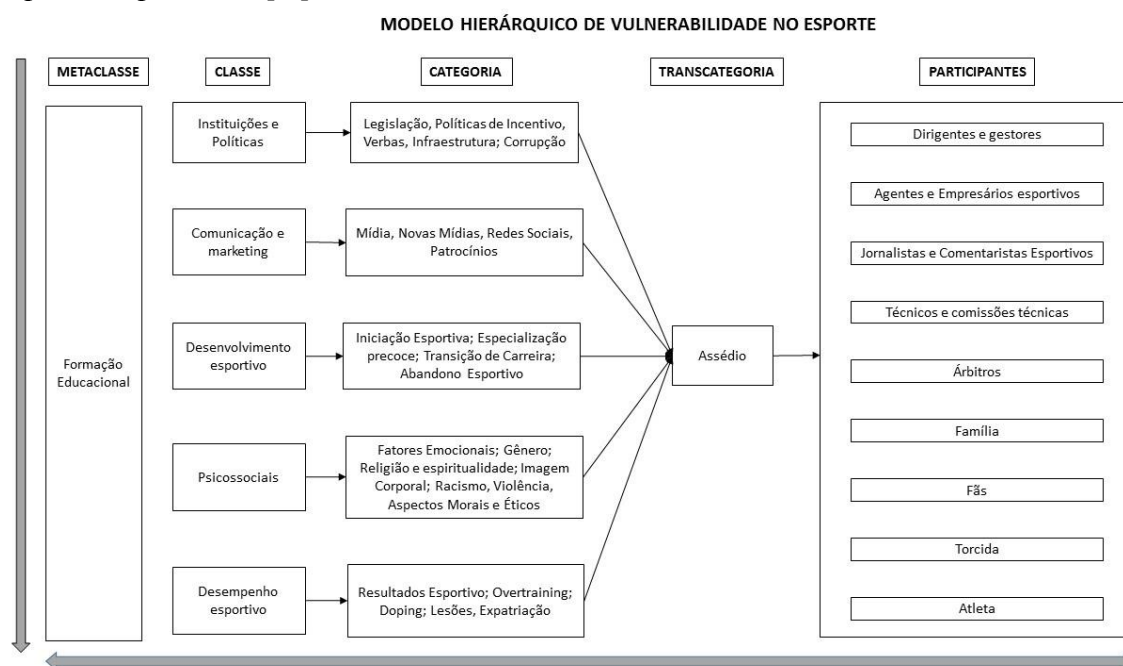
## Resultados e Discussão

O primeiro grande desafio foi a estruturação das categorias e principalmente da hierarquia. Nesse ponto foi fundamental utilizar a Teoria Bioecológica como norteadora dessa construção, apoiada nas dimensões conceituais e nas camadas do contexto. O que permitiu que a partir da análise e categorização das entrevistas delineasse-se um modelo hierárquico para a vulnerabilidade no esporte (Figura 1).

## Classes e Categorias do Modelo

A Formação Educacional foi classificada como uma metaclasses, em razão de aparecer de forma recorrente e sistemática em diversos momentos das entrevistas e aspectos do cenário esportivo, e de fato ser responsável ou no mínimo interferir no desenvolvimento das outras classes e categorias. Para os atletas, ela apareceu sob a dificuldade de concluírem sua educação formal, principalmente, de concluírem o ensino superior, decorrente do sistema de trei-

namento em quase sua totalidade não permitir e/ou não ter previsto a necessidade da educação formal como ponto de suporte na formação do atleta. Nesse sentido, o apontamento de um dos jornalistas é expressivo “[...] há um pouco de dificuldade de conciliar a vida de atleta de alto rendimento com o estudo, isso a gente percebe, nossas instituições escolares ainda não estão preparadas para isso [...], J1”.



**Figura 1. Modelo Hierárquico de Vulnerabilidade no Esporte**

A ausência da educação formal dificulta sobremaneira a posterior inserção dos atletas no mercado de trabalho em outras áreas (AQUILINA, 2009), este fato tem sido extensamente focado nos estudos de transição de carreira (RYBA et al., 2016) e na preocupação que existe em outros países no apoio a dupla-carreira (STAMBULOVA et. al., 2015), que possibilite ao atleta atuar em alto nível e concluir o ensino superior. No caso dos gestores depreendeu-se que há uma falta de formação e de apoio científico para a elaboração da legislação, das políticas de incentivo, principalmente, a dificuldade da elaboração de políticas de longo prazo da prática esportiva, e não só de competição, nas escolas e como política pública. O fato central é que todos os entrevistados apontaram o relevo da educação formal para o esporte, inclusive que a educação ajudaria no desempenho dos atletas nas competições e treinamentos.

Os atletas e técnicos se posicionaram quanto ao fato de muitos dirigentes não terem formação esportiva e recorrentemente desconhecem com profundidade às demandas de estrutura e conhecimento para que os atletas e técnicos atinjam o alto rendimento. A fala de um dos técnicos é eloquente nesse sentido “[...] Ele (dirigente) não tem conhecimento do que é o próprio objetivo dele, das funções dele, e aí, fica meio confuso. Porque ele na verdade, a figura do dirigente, ele tem de saber da parte administrativa, e ele tem de ter conhecimento, hoje, da política do clube, para ele poder dar suporte, sustentação de trabalho para a equipe de comissão técnica e jogadores. O gestor, hoje, não se prepara dentro do esporte que ele quer gerir, ele não se prepara em termos de conhecimento, e aí, ele confunde a figura de torcedor e gestor [...]. T1”. A análise de um jornalista retrata com é o exercício desse cargo no esporte brasileiro: “o jeito que o esporte é organizado no Brasil, você coloca o poder decisório e o poder do dinheiro na mão de poucas pessoas, que organizam o esporte do jeito que lhes convêm e não necessariamente do jeito que o esporte precisa, do jeito que os atletas precisam [...], J1”.

Os atletas com larga experiência internacional destacam que há uma defasagem entre a formação de parte dos técnicos brasileiros e dos professores em relação à vivência que tem em outros países. Um atleta do Jiu-Jitsu destacou esse tema com a seguinte fala: *“Essa também é uma parte importante. Tem muita gente que não tem muita vivência [...], faz por hobbie, e acaba assumindo uma turma, começa a dar aula, e assim vai indo, só que chega uma hora que chega num patamar que o professor, não tem, meio, que recurso mais para passar para o aluno, e isso que acho que é ruim. O professor deveria competir um pouco, vê como é, passar para o aluno. A5”*.

Aos psicólogos do esporte foi associada à ausência de uma compreensão mais profunda do contexto esportivo. Isto pode ser em decorrência da ausência da psicologia do esporte na graduação; normalmente, a formação é feita em pós-graduação, o que dificulta por vezes sua inserção no ambiente esportivo, outro ponto, é que eles tendem a trabalhar em diversas modalidades. Num sentido muito similar, ao que ocorre com os jornalistas esportivos, que cobrem diversas modalidades esportivas. Vejamos o caso dos que se dedicam aos esportes olímpicos, que tem de analisar e emitir opiniões sobre dezenas de modalidades que requerem habilidades distintas, que tem estruturas de treinamento e gestão particulares. Diante disso, é possível destacar o fator Formação Educacional como primária e com efeitos importantes sobre as outras classes e categorias.

A Educação Formal é sucedida por 5 classe de categorias. A primeira classe do modelo é denominada “Instituições e Políticas” é composta por 5 categorias: Legislação, Políticas de Incentivo, Verbas, Infraestrutura e Corrupção. Esta categoria pode ser entendida pelo modelo bioecológico como o macrossistema. Pouca influência tem os técnicos e atletas sobre esse sistema, ele é gerido e influenciado principalmente pelos dirigentes e políticos, abriga o desenvolvimento de leis específicas para o esporte e os mecanismos de desenvolvimento do esporte nos mais diversos âmbitos (escolar, recreacional e competitivo). Interessante apontar que mesmo com a realização de megaeventos esportivos nos últimos anos no Brasil (Jogos Panamericano – 2007; Copa do Mundo de Futebol – 2014; Jogos Olímpicos – 2016 e diversas outras competições de nível internacional), todos os entrevistados indicaram que as políticas públicas para o esporte no Brasil, as políticas de incentivo, verbas e infraestrutura requerida são insuficientes e mal geridas.

Outro aspecto é que a infraestrutura muitas vezes está defasada em relação ao necessário para competir em alto nível, que os recursos requeridos não chegam para os atletas, e os apontamentos são contundentes *“[...] nós tínhamos muitos problemas com os dirigentes, por falta de incentivo, por falta, ter a verba e em vez da verba ser utilizada para os atletas, essa verba ser utilizada de outra forma, de uma forma errada [...] A3”*. Ainda acrescenta *“[...] nós éramos contratados para representar a seleção, e nós tínhamos que tirar alimentação do bolso, nós tínhamos que tirar algumas despesas do bolso, e os dirigentes que estavam lá, o técnico, ou simplesmente a pessoa que vai representar a seleção, tinham tudo pago, a alimentação tava paga, tava tudo pago [...]”*. Os apontamentos das entrevistas direcionam para um conflito entre as percepções dos participantes das entrevistas e diversos estudos sobre o denominado “legado” oriundo dos grandes eventos esportivos (BERNABÉ; STAREPRAVO, 2014). Além disso, indicam claramente para o mal-uso do dinheiro e na direção da corrupção.

A segunda classe do modelo é denominada “Comunicação e Marketing” é composta por 4 categorias e pode se situar no exossistema: Mídia, Novas Mídias, Redes Sociais e Patrocínios. Essa classe tem grande força na sociedade contemporânea e no esporte. Nesse sentido Garcia Canclini (2009, p.17) destaca que *“no esporte não jogam apenas Beckham, Figo, Ronaldo, Verón e Zidane, mas também as marcas de roupas e de carros que os patrocinam”*. A conjuntura dessas 4 categorias é indissociável no esporte de alto rendimento, e, é ela que permite a potencialização dos produtos das empresas que patrocinam ou se associam ao esporte. É o que permite a criação de ídolos transnacionais mais rápido que qualquer outro recurso na

história, em que são promovidas ações de marketing e publicidade, afazeres, negociações (BLASZKA, 2011), desavenças e em muitos casos a exposição da intimidade (REBUSTINI e MACHADO, 2015, o que permite praticamente um canal direto entre os participantes, sem intermediários (assessorias de imprensa e jornalistas). Nesse sentido, um dos mais afetados foram os jornalistas, já que há uma ausência de consenso de como as mídias sociais “encaixam” dentro do profissionalismo do jornalismo tradicional e como têm influenciado a relação entre os jornalistas e suas fontes (REED, 2011). Esta dificuldade em lidar com as novas mídias, seja por parte dos jornalistas, seja pela as empresas que atuam no segmento, foi reforçada pelos 4 jornalistas entrevistados pela pesquisa. Reed (2011) ainda destaca uma relação mais complexa quando retrata o fato de que os jornalistas estudados acessavam e utilizavam as informações postadas pelos atletas dependendo do nível de resultados dele. O que desencadeia uma lógica perversa, como os atletas e clubes dependem dos patrocínios; e os patrocinadores, na grande maioria, investem nos atletas que dão retorno de mídia e se as reportagens de destaque são sobre aqueles que estão obtendo resultados, conseqüentemente o desenvolvimento de atletas jovens ou de modalidades que não estão em evidência na mídia é comprometida.

A terceira classe de categorias diz respeito ao “Desenvolvimento Esportivo”, sendo composta por 4 categorias e pode ser compreendida como um mesossistema: Iniciação Esportiva; Especialização Precoce; Transição de Carreira e Abandono Esportivo. Esta categoria nos coloca diante das diversas etapas de desenvolvimento do atleta desde a infância até sua transição para outras carreiras e o abandono precoce da prática esportiva. Coakley (2008) destaca a importância do esporte para o desenvolvimento moral de crianças e jovens, além disso, a associação da atividade física e do esporte na infância e adolescência tende a promoverem estilos de vida ativos na vida adulta e uma redução da probabilidade de doenças (REINER et al, 2013). Nos países de grande tradição esportiva o esporte eminentemente está inserido no ambiente escolar, seja no caráter educativo e/ou recreativo e/ou competitivo exatamente pelo papel no desenvolvimento do indivíduo.

Contudo, a antecipação de etapas de desenvolvimento e especialização aliada a alta exigência por resultados, bem como, a aplicação de técnicas errôneas no desenvolvimento das habilidades motoras, psicológicas, sociais e das valências físicas pode acarretar na interrupção precoce da prática esportiva. Crane e Temple (2015) apresentaram uma extensa lista de motivos para o abandono no esporte, que se enquadram basicamente em 5 grandes temáticas: a ausência de divertimento, a percepção de competência, pressões sociais, prioridade em competir e fatores físicos, principalmente as lesões, por excesso de treinamento. Entendemos que a fala de uma atleta do futebol que sintetiza muito desse período, “[...] como nunca tem estrutura, não tem agora, muito menos quando eu tinha 15 anos. E aí você fazia tudo por você, aí você treinava e não sabia por que você estava treinando aquilo. Mandavam você fazer e você fazia, por amor ao esporte você fazia, e continuava fazendo, mas você não teve um preparo [...]. Eu com 15 anos, eu já era profissional jogava no adulto, no principal, com as meninas mais velhas de 20-21 anos”.

A quarta classe de categoria foi denominada “Fatores Psicossociais” e é composta por 7 grandes categorias e que podem ser enquadradas como um microssistema e, portanto, mais próximos das dinâmicas do dia-a-dia dos participantes do universo esportivo: Fatores Emocionais; Gênero; Religião e Espiritualidade; Imagem Corporal; Racismo; Violência e Aspectos Morais e Éticos. Estes fatores podem ser considerados dinâmicos e mais associados a questões situacionais e de contexto no ambiente esportivo. Os fatores emocionais têm tido um papel primordial no desempenho dos atletas (SWANN et al., 2015). Tanto que Thelwell (2008) destaca que os padrões de desempenho no esporte moderno são tão altos que a distância entre o sucesso e o fracasso é muito tênue, que se pode considerar estranho que alguns atletas ainda não contem com um suporte da psicologia do esporte. No Brasil, esse aponta-

mento é ainda mais severo, para muitos dirigentes e treinadores os aspectos emocionais são “firulas”. No discurso dos atletas essa necessidade de suporte surgiu de forma recorrente, nos treinadores em alguns casos houve um distanciamento da temática, e sua necessidade atingiu o ponto maior de relevância, obviamente com os psicólogos do esporte. Interessante aponta que não é incomum encontrar matérias jornalísticas com certo desdenho sobre a aplicação da psicologia do esporte nos atletas, treinadores e demais membros do ambiente esportivo. Contudo, os jornalistas esportivos entrevistados dão relevo a necessidade de suporte psicológico aos atletas, não só voltado ao desempenho, mas sobre a necessidade de uma orientação criteriosa quanto ao entorno.

A questão do gênero no esporte aparece em diversos aspectos (WELLARD, 2007; AITCHISON, 2007; LENSKEYJ, 2003), um deles é a raridade em se encontrar mulheres técnicas no esporte de alto nível (LIGHT, 2013; MACHIDA; FELTZ, 2013), o fato de que as equipes masculinas terem muito mais exposição e patrocinadores, e, conseqüentemente, maiores salários e premiações. Num estudo de González-Palomares e colaboradores (2015, p.229-230) que estudou os estereótipos de gênero nos livros didáticos de Educação Física encontraram que “Transmite-se uma masculinidade hegemônica associada aos esportes, tanto coletivos como individuais, enquanto a feminidade se vincula às atividades de fitness e condicionamento físico”. Acrescentam ainda que, “As imagens mostram que tanto o âmbito competitivo como os esportes de elite são acessíveis tanto para mulheres quanto para homens, afastando-se assim do estereótipo tradicional que associa o mundo da competição e o alto rendimento como reserva para os homens” (p. 230). Não se pode esquecer que é inerente aos profissionais de Educação Física as manifestações corporais e da imagem à formação e suas práticas ao longo da vida.

Deve-se atentar que os corpos no esporte são veículos primários não apenas para o desempenho, mas também para a imagem, é o que vai estampar nos diversos produtos, vai ser ansiado por muito. Há múltiplos corpos visíveis, tanto que há modalidades que necessitam de atletas baixos e bem definidos, caso de ginástica artística, há esportes que são necessários corpos grandes e não tão bem definidos, como os atletas de levantamento de peso, das categorias absolutas. A fala de um atleta do levantamento de peso mostra a dificuldade de um corpo fora dos padrões e dá uma maior agudez “[...] *eu tenho medo disso, hoje meu corpo mudou, eu perdi roupa, a coxa está enorme, o braço está enorme, camisa social tem de ser larga para trabalhar, você fica meio fora da curva. Eu tenho medo de quando eu parar o que vai acontecer [...]. Eu tô muito vascularizada, eu tomo vasodilatador, eu tomo muito suplemento, [...] eu tenho medo, eu temo pelo meu fígado, eu faço exames constantemente [...].* Do ponto de vista social, a atleta expõe outra nuance “[...] *quando vou ao shopping as pessoas param para perguntar o que eu como? Para dizer que nunca viram uma mulher tão forte. [...] os homens quando não fazem pergunta ficam olhando, eu sei que assusta. As mulheres ficam olhando e fazendo caras, que parece um homem, socialmente pega [...].*”

As questões relativas ao Racismo, a Violência e Aspectos Morais e Éticos estão interconectadas. O racismo no discurso dos entrevistados é um aspecto que passa de certa forma silencioso no ambiente entre os técnicos e atletas, onde estão centradas as questões de desempenho e parece ter pouco significado no dia-a-dia entre os atletas e técnicos essa questão. Parece mais provável que saia do microsistema e surja mais veemente entre os torcedores, familiares, dirigentes e a própria mídia.

A questão da religião e espiritualidade não foi apontada com um ponto primário de desencadeamento de vulnerabilidade, contudo, alguns entrevistados destacaram que há equipes em que dirigente e/ou treinadores optaram por atleta que estejam próximos das suas convicções religiosas, o que retiraria o resultado ou desempenho esportivo como primário na escolha e contratação de um atleta. Um risco apontado nessa categoria é o fato de alguns atletas tenta-

rem influenciar outros atletas a se aproximarem ou acolherem suas convicções religiosas e espirituais.

A quinta classe foi denominada “Desempenho esportivo” e é composta por 5 categorias: Resultados esportivos, *Overtraining*, Doping, Lesões, Expatriação. Todo o treinamento, investimento no atleta é voltado a um único objetivo final: o resultado. Nesta busca pelo resultado não é incomum encontrar os efeitos do *overtraining* (excesso de treinamento) e como consequência do *overtraining* ou não as lesões. Pearce (2002) relata quase 3 dezenas de sintomas ou alterações decorrentes do *overtraining*, estruturadas em 5 conjuntos: musculoesqueléticas, fisiológicas, imunológicas, endócrinas e psicológicas. Deve-se ter claro que as lesões e dores decorrentes dos esforços e da exigência dos treinamentos são inerentes a prática esportiva de alto rendimento. Outro vetor da busca de resultados é a utilização de *doping* por parte dos atletas, que por vezes é acobertado para que não se manche a imagem do atleta, do clube e dos patrocinadores. Há casos rumorosos nos últimos anos, como o *doping* do ciclista Lance Armstrong (HAMILTON; COYLE, 2012). É reconhecida que as técnicas de dopagem no esporte estão sempre à frente da detecção. De Hon e colaboradores (2015) examinaram os métodos e o número de testagens feitas no esporte de elite. O número de testes realizados anualmente saltou de 37.882 em 1987 para 269.878 testes em 2013, contudo o percentual de detecção ou de exames positivos manteve-se ao redor de 2%. Na realidade é uma pequena porção de atletas que é testado; muitos utilizam de substâncias que ainda não são consideradas doping, além de diversas formas de camuflar as substâncias dopantes. Esse é o monitoramento nos atletas de alto rendimento, eminentemente adultos, e qual é o uso de substâncias nos jovens atletas? Nas academias de ginástica?

Os resultados esportivos também são fundamentais para o processo de expatriação no esporte – é quando o atleta vai jogar em outros países. Mas não apenas os atletas que buscam outros países para trabalharem, os treinadores também o fazem como aponta Torres (2012). O mercado esportivo movimento bilhões de dólares anualmente. Os grandes atletas saem por melhores condições e altíssimos salários, alguns por não conseguirem oportunidades no Brasil deslocam-se para países com menos tradição esportiva, mas que possibilitarão sua sobrevivência, alguns irão migrar para o sistema universitário, principalmente, americano, para ter a oportunidade de continuar competindo ao mesmo tempo em que finalizam seus estudos.

Na análise de dados um aspecto recebeu uma classificação distinta nas categorias e foi denominada transcategoria: o assédio. Isto porque ele perpassa e é decorrente de várias das outras categorias e pode ser gerado por vários dos participantes no cenário esportivo. O que nos leva a conclusão do fluxo do modelo hierárquico. O assédio pode ser o moral e sexual (MOIOLI, 2013; FASTING et. al., 2012) e que podem ser considerados mais danosos. Contudo há outras formas de assédio no esporte e que necessariamente não estão contidos em outros setores da sociedade e perpassa por todos os participantes do cenário esportivo. O assédio dos fãs por proximidade com o ídolo ou com o intuito, e se especializam em se envolver com os atletas, principalmente, no futebol como as chamadas “mariais-chuteiras”, de torcedores, o assédio dos patrocinadores, dos agentes esportivos e empresários sobre os atletas e técnicos, no intuito de tê-los nas suas carteiras de clientes. Um dos técnicos entrevistado denominou os agentes e empresários do futebol com o que há de mais nefasto no futebol, já que não assediavam apenas os jogadores, buscam “parcerias” com técnicos, clube, dirigentes, e assediam as famílias como forma de ter os direitos dos atletas. Inclusive, os profissionais da psicologia do esporte destacaram as famílias com um dos pontos de grande vulnerabilidade no esporte por muitas vezes colocar sobre o atleta toda a solução para os problemas familiares. Esse assédio não percorre a relação de poder entre as partes, um dos técnicos (T3) narrou o caso de uma atleta que foi expulsa da equipe por assédio sexual sobre outras atletas, veja que nesse caso o assédio não está alicerçado em uma relação de poder. Outro exemplo é o assédio de jornalistas para obter “furos” de reportagem.



## Considerações Finais

A análise das entrevistas promoveu a demonstração que há diversos fatores que podem desencadear a vulnerabilidade no esporte, que as inter-relações e interconexões entre as variáveis e os diversos participantes são complexas e intrincadas. Como aponta Laar (2014), a vulnerabilidade é um modelo relacional que alguém está vulnerável a algo ou a alguém, configurando dessa forma uma via de mão dupla. Portanto, o fluxo da vulnerabilidade no modelo desenvolvido pode ser tanto vertical como horizontal. Ela pode ir das leis para o desempenho, do atleta para o dirigente ou vice-versa, dependendo da forma e da intensidade e de quantos papéis estão envolvidos no (s) gerador (es) e receptor (es) da vulnerabilidade. Entendemos ainda que a vulnerabilidade tem sido estudada, mas sem nomeá-la e por vezes sem entender que o fenômeno que está sendo estudado compõe um propulsor dela. Outro fato é decorrente dos modelos de pesquisa que têm sido utilizados, tem se estudado as peças do fenômeno sem colocá-las em uma escala maior de perspectiva. Promovem-se intervenções sobre variáveis sem efetivamente saber qual o caminho que esse estímulo irá percorrer por falta de compreensão do fenômeno como um todo. Além disso, parece possível afirmar que o modelo desenvolvido é um bom ponto de partida, inclusive para a aplicação em outros campos da atividade física e do esporte que não foram tratados, já que o modelo é oriundo de informações geradas por participantes do esporte de alto rendimento. Sem se perscrutar como funcionaria o modelo especificamente sobre as etapas de formação, sobre os esportes de aventura, nas atividades de academia e lazer.

## HIERACHICAL MODEL OF VULNERABILITY IN THE SPORT

### Abstract

The vulnerability in the sport has been little studied. Thus, the aim was to develop a hierarchical model of vulnerability for the sport. In-depth interviews were conducted with 21 participants of high performance sport (13 women). Content analysis was done with categorization and hierarchization. Categorization generated 1 metaclass (Education); the results were organized into 5 classes: Institution and Policies, Communication and Marketing, Sports Development, Psychosocial Aspects and Sports Performance, totalizing 25 categories; another category was named as a trans category (Harassment). Participants identified several factors associated with vulnerability, resulting in a hierarchical model of vulnerability for sport.

**Keywords:** Vulnerability. Sport. Sport Psychology.

## MODELO JERÁRQUICO DE LA VULNERABILIDAD EN EL DEPORTE

### Resumen

La vulnerabilidad en el deporte ha sido poco estudiada. El objetivo fue desarrollar un modelo jerárquico de la vulnerabilidad para el deporte. Las entrevistas en profundidad se realizaron con 21 participantes de alto rendimiento deportivo (13 mujeres). Se aplicó al análisis de contenido con la categorización y jerarquización. La categorización generó 1 meta-clase (Educación); los resultados se organizaron en 5 clases: Institución y Políticas, Comunicaciones y Marketing, Desarrollo del Deporte, Aspectos Psicosociales y el Rendimiento Deportivo, por un total de 25 categorías; una categoría fue nombrado transcategoría (Acoso). Los participantes identificaron varios factores asociados con la vulnerabilidad, lo que resulto en un modelo jerárquico de la vulnerabilidad para el deporte.

**Palabras clave:** Vulnerabilidad. Deporte. Psicología del Deporte

---

## Referências

- AITCHISON, C. C. **Sport & gender identities: masculinities, feminities and sexualities.** New York: Routledge, 2007.
- AQUILINA, D. **Degrees of Success: Negotiating Dual Career Paths in Elite Sport and University Education in Finland, France and the UK.** Loughborough, 2009. Thesis. Loughborough University, Loughborough, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: edições 70. 2010.
- BELLENZANI, R.; MALFITANO, A. P. S.. Juventude, vulnerabilidade social e exploração sexual: um olhar a partir da articulação entre saúde e direitos humanos. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 15, n. 3, Dec. 2006.
- BERNABÉ, A. P.; STAVEPRAVO, F. A. Megaeventos esportivos: o desenvolvimento do legado esportivo educacional. **Pensar a Prática**, Goiânia, 17 (2), p. 456-471, jan/mar, 2014.
- BLASZKAS. M. **An examination of sport consumers' Twitter usage.** Georgia, 2011. Master degree dissertation. Georgia States University. Georgia – USA, 2011.
- BRINKMAN, S. **Qualitative interview.** London. Oxford University Press, 2013.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados.** Porto Alegre, Artmed, 1996.
- CAINE, D.; PURCELL, L.; MAFFULLI, N. The child and adolescent athlete: a review if three potentially serious injuries. **BMC Sports Science, Medicine, and Rehabilitation**, 6:22, 2014.
- CARVO, C.; DERCON, S. Measuring individual vulnerability. **Discussion Paper Series**, Oxford, n. 229, march 2005.
- CHADWICK, S. Still to be fixed: corruption posing new challenges for sport business researchers. **Sport, Business and Management: An International Journal**, 4 (1), 2014.
- COAKLEY J. **Sports in society: issues and controversies.** 10th ed. Saint Louis: Times Mirror/Mosby College; 2008.
- CRANE, J.; TEMPLE, V. A systematic review of dropout from organized sport among children and youth. **European Physical Education Review**, 31, 2015
- CZERESNIA, D. Ciência, técnica e cultura: relações entre risco e práticas de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 2, p. 447-455, mar./abr. 2004.

DUNCAN, L. A.; SCHALLER, M; PARK, J. H. Perceived vulnerability to disease; development and validation of a 15-item self-report instrument. **Personality and individual differences**, London, v. 47, p. 541-546, 2009.

DUNKLEY, D. M.; SCHWARTZMAN, D. LOOPER, K. J.; SIGAL, J. J. PIERRE, A. KOTOWYCZ, M. A.. Perfectionism dimensions and dependency in relation to personality vulnerability and psychosocial adjustment in patient with coronary artery disease. **J. Clin Psychol Med Setting**. 11, 2011.

ELISON, J.; PARTRIDGE, J. A. Relationships between shame-coping, fear of failure, and perfectionism in college athletes. **Journal of Sport Behavior**, London, v. 35 n. 1, p. 19-39, 2012.

ELO, S., KYNGÄS, H. The qualitative content analysis process. **Journal of Advanced Nursing**, v. 61, n. 1, 107-115, 2007

EZELL, B. C. Infrastructure vulnerability assessment model (I\_VAM). **Risk analysis**, Malden, v. 27, n. 3, 571-583, 2007

FASTING, K.; BRACKENRIDGE, C.; KJOLBERG, G. **Using court reports to enhance knowledge of sexual abuse in sport**. School of Sports and Educational Research Papers. Brunel University Research Archives, march 2011. Disponível em: <<http://bura.brunel.ac.uk/bitstream/2438/5001/1/Fulltext.pdf>>. Acessado em 10 de fevereiro de 2012.

FONTANELLA, B. J. B.; LUCESI, B. M.; SAIDEL, M. G. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R.; MELO, D. G. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Caderno de Saúde Pública**, v. 27, n. 2; 389-394-27, fev. 2011.

FORD, J. D.; CHAMPALLE, C.; TUDGE, P.; RIEDLSPERGER, R.; BELL, R.; SPARLING, E. Evaluating climate change vulnerability assessments: a case study of research focusing on the built environment in northern Canada. **Mitigation and Adaptation Strategies for Global Change**. v. 20, n. 8, p. 1267-1288, dec 201.

FORTIN, S.; HOUSSA, E. L'éthnographie postmoderne comme posture de recherche: une fiction en quatre actes. Trois-Rivières: **Recherches Qualitatives**, v. 31, n. 2, p. 52-72, 2012.

GARCIA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GONZÁLEZ-PALOMARES, A.; ALTMAN, H.; REY-CAO, A. Estereótipos de gênero nas imagens dos livros didáticos de educação física do Brasil. **Movimento**, v. 21, n.1, p. 219-232, jan/mar, 2015.

HAMILTON, T.; COYLE, D. **The secret race - inside the hidden world of the tour de France: doping, cover-ups, and winning at all costs**. New York: Bantam Books, 2012.

HARGREAVES, J.; ANDERSON, R. **Routledge handbook of sport, gender and sexuality**. New York: Routledge, 2014

HAUW, D.; BILARD, J. **Cours de vie sportive et dynamiques du dopage**. Rapport final. Université Montpellier 1, 2011. Disponível em: <[http://www.ecoutedopage.fr/upload/comprendre/Hauw\\_\\_\\_Bilard\\_RapportMJS2011-cours\\_de\\_vie\\_et\\_dopage.pdf](http://www.ecoutedopage.fr/upload/comprendre/Hauw___Bilard_RapportMJS2011-cours_de_vie_et_dopage.pdf)>. Acessado em 15 de março de 2012.

HESSE-BIBER, S. N.; LEAVY, P. **Handbook of Emergent Methods**. New York: The Guilford Press, 2010.

KREHER, J.B; SCHWARTZ, J. B. Overtraining Syndrome: a practical guide. **Sports Health: a multidisciplinary approach, London**, v. 4, n. 2, p. 128-138. March/april 2012.

LAAR, A. Researcher vulnerability: an overlooked issue in vulnerability discourses. **Scientific Research and Essays**, 9 (6), p. 737-743, 2014

LAVOURA, T. N. **Estados emocionais: A investigação do medo no contexto esportivo**. Rio Claro, 2007. Dissertação de Mestrado, Unesp – Rio Claro, 2007.

LENSKYJ, H. J. **Out on the Field: Gender, Sport and Sexualities**. Toronto: Women's Press, 2003

LEONARD, D. J.; KING, R. **New racism and African americans in contemporary sports**. Plymouth: Rowman & Littlefield publishers ltda. 2011.

LIGHT, A. How are student athletes perceiving female coaches? **Sport management Undergraduate**, Paper 90, 2013.

LUCAS, S., R. Beyond the existence proof: ontological conditions, epistemological implications, and in-depth interview research. **Quality & Quantity**, 48 (1), 387-408, Jan. 2014.

MACHADO, A. A. A relação conturbada entre torcida e atletas: quem exige o que de quem? In: MACHADO, A. A.; GOMES, R. **Psicologia do Esporte – da escola à competição**. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2011. p. 165-180.

MACHIDA, M. FELTZ, D. L. Studying Career Advancement of Women Coaches: The Roles of Leader Self-Efficacy. **International Journal of Coaching Science**. V. 7, n. 2, p. 53-71, July 2013.

MARTILL, M. The sexual abuse of boys in organized male sports. **Men and Masculinities**, London, v.12, n. 2, p. 225-249, 2009

MASTERS, A. Corruption in sport: from the playing field to the field of policy. **Policy and Society**, 34, p. 111-123, 2015

McKNIGHT, K.; BERNES, K.; GUNN, T.; CHORNEY, D.; ORR, D.; BARDICK, A. Life after sport: athletic career transition and transferable skills. **Journal of Excellence**, n. 13. p. 63-77, 2009. Disponível em: <[https://www.uleth.ca/dspace/bitstream/handle/10133/1175/Life\\_After\\_Sport.pdf?sequence=1](https://www.uleth.ca/dspace/bitstream/handle/10133/1175/Life_After_Sport.pdf?sequence=1)>. Acessado em 20 de junho de 2012.

MEZZADRI, F. M.; SILVA, M. M.; FIGUÊROA, K. M.; STAREPRAVO, F. A. Sport Policies in Brazil. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 7, n. 4, 2015.

MOIOLI, A. **A relação das novas mídias de comunicação e o esporte: rupturas e conflitos para a formação moral a partir da representação social do futebol**. Rio Claro, 2013. Tese (Doutorado). Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Neto”. Rio Claro, São Paulo, 2013.

PEARCE, P.Z. A practical approach to overtraining syndrome. **Current Sports Medicine Reports**, Philadelphia, v. 1, p. 179-183, 2002.

PROAG, V. The concept of vulnerability and resilience. **Procedia Economics and Finance**, 18, p. 396-376, 2014

REBUSTINI, F. **A vulnerabilidade no esporte e a exposição às novas mídias: um estudo sobre o Twitter**. Rio Claro, 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

REBUSTINI, F.; MACHADO, A. A. Análise cross-cultural da repercussão do Twitter no esporte. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 12, n. 2, jul/dez, 2015.

REED, S. J. **Print Sport journalist’s use of social media and its effect on professionalism**. *Minnesota, 2011*. Master degree dissertation. University of Minnesota: Minnesota, 2011.

REINER, M.; NIERMANN, C.; JEKAUC, D.; WOLL, A. Long-term health benefits of physical activity – a systematic review of longitudinal studies. **BMC Public Health**, 13: 813, 2013.

RENAUD, M. Solitude e Vulnerabilidade. In: CARVALHO, A. S. **Bioética e vulnerabilidade**. Coimbra: Editora Almedina, 2008, p.11-20.

RYBA, T.; AUNOLA, K.; KALAJA, S.; SELANNE, H.; RANKOINEN, N. J.; NURMI, J. E. A new perspective on adolescent athletes’ transition into upper secondary school: A longitudinal mixed methods study protocol. **Cogent Psychology**, 3: 1142412, 2016.

SALMONS, J. **Cases in online interview research**. London: Sage, 2012.

SALMONS, J. **Online interviews in real time**. London: Sage, 2010.

SAREWITZ, D.; PIELKE JR, R.; KEYKHAH, M. Vulnerability and Risk: some thoughts from political and policy perspective. **Risk analysis**, Malden, v. 23, n. 4, 805-810, 2003.

SCHREIER, M. **Qualitative Content Analysis in Practice**. London: Sage, 2012.

SCHMIDTLEIN, M.C.; DEUTSCH, R.C; PIEGORSCH, W.W.; CUTTER, S.L. A sensitivity analysis of the social vulnerability index. **Risk analysis**, Malden, v. 28, n. 4, 1099-1114, 2008.

SCHNELL, A.; MAYER, J.; DIEHL, K. ZIPFEL, S.; THIEL, A. Giving everything for athletic success! – sports-specific risk acceptance of elite adolescent athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, 15, p. 165-172, 2014

STAMBULOVA, N. B.; ENGSTROM, C. FRANCK, A. LINN, L. LINDAHL, K. Searching for an optimal balance: Dual career experiences of Swedish adolescent athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, 21. 4-14, 2015.

STIRLING, A. E.; KERR, G. A. Initiating and Sustaining Emotional Abuse in the Coach–Athlete Relationship: An Ecological Transactional Model of Vulnerability. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, 2 (2), 2014.

SWANN, C.; MORAN, A.; PIGGOTT, D. Defining elite athletes: issues in the study of expert performance in sport psychology. **Psychology of sport and exercise**, 16, 3-14, 2015.

THELWELL, R. Applied sports psychology: enhancing performance using psychological training. IN: LANE, A. **Sport and Exercise Psychology**. London: Hodder Education, 2008. p. 14-28.

THIEL, A.; DIEHL, K.; GIEL, K. E. SCHNELL, A. SCHUBRING, A. M. MAYER, J.; ZIPFEL, S.; SCHNEIDER, S. The German Young Olympic Athletes' Lifestyle and Health Management Study (GOAL Study): design of a mixed-method study. **BMC Public Health**, London, v 11, 410, 2011.

TORRES, C. Expatriate coaching, Olympism and the Olympic Games. **Sport, Ethics and Philosophy**, v. 6, n. 2, 2012.

WELLARD, I. **Rethinking gender and youth sport**. New York: Routledge, 2007

ZANETTI, M. C. **Second life®: corpo ou avatar? Realidade ou fantasia?** Rio Claro, 2013. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2013.

.....

Recebido em: 09/05/2016

Revisado em: 29/09/2016

Aprovado em: 05/10/2016

Endereço para correspondência:

[frebustini@uol.com.br](mailto:frebustini@uol.com.br)

Flávio Rebustini

Universidade Federal de Goiás

Av. 24 A, 1515 - Santana

Rio Claro - SP, 13490-000